

## **O sincretismo religioso e a pedagogia de Deus no livro dos Juízes**

### **A permissividade do sofrimento como um ato pedagógico**

Jhonata de Azevedo Macedo <sup>1</sup>  
Teresa Akil<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo investiga o sincretismo religioso e a metodologia pedagógica de Javé, que consistia na permissibilidade do sofrimento decorrente da subjugação dos povos que coabitavam com Israel no período dos Juízes. Busca-se examinar como a influência cultural canaanita conduziu Israel ao ciclo de apostasia, servidão, súplica e salvação – empreendido pela permissão do sofrimento – que nesse contexto se configura como uma estratégia corretiva com fins redentivos. A partir dessa análise, o estudo propõe uma reflexão sobre a aplicabilidade desse conceito no contexto contemporâneo, indicando como esse condicionamento faz parte do hegemonismo divino, além de ser uma expressão do seu amor.

**Palavras-chaves:** Sincretismo. Sofrimento. Pedagogia.

#### **ABSTRACT**

This article investigates religious syncretism and Yahweh's pedagogical methodology, which consisted of the permissibility of suffering resulting from the subjugation of the peoples who cohabited with Israel during the period of the Judges. It seeks to examine how the Canaanite cultural influence led Israel into the cycle of apostasy, servitude, supplication and salvation - undertaken by permitting suffering - which in this context is configured as a corrective strategy with redemptive ends. Based on this analysis, the study proposes a reflection on the applicability of this concept in the contemporary context, indicating how this conditioning is part of divine hegemonism, as well as being an expression of his love.

**Keywords:** Syncretism. Suffering. Pedagogy.

#### **INTRODUÇÃO**

Este artigo aborda o sincretismo religioso e a pedagogia de Deus no livro dos

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia - FABAT.

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Teologia (PUC-Rio, 2021); doutorado em Teologia (PUC-Rio, 2010); Mestrado em Teologia Bíblica (Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, 2005); Graduação em Teologia (Faculdade Batista do Paraná, 2008) e em Comunicação Social (Universidade Estácio de Sá, 1992)

Juízes, com o objetivo analisar a correção divina por meio da permissividade do sofrimento. Examinaremos como a coabitação com os povos ao redor tanto influenciou como reposicionou os israelitas. Com base nessa premissa, este artigo propõe a seguinte hipótese: A apostasia admitida pelos israelitas, bem como, as influências culturais dos povos tribais, demonstra que a permissividade do sofrimento foi uma ação pedagógica e soberana com fins formativos, expressando a graça de Deus para com seu povo.

Este projeto empregará o método de revisão bibliográfica através da análise de literaturas de obras especializadas, artigos publicados, teses, dissertações e materiais correlatos à temática proposta. A pesquisa será conduzida de forma manual e eletrônica, utilizando-se de site, bibliotecas virtuais e bancos de dados disponíveis para perícia de arquivos análogos ao tema.

O desenvolvimento deste ensaio está estruturado em três seções principais: Na primeira, trataremos sobre o ciclo apostático no livro dos Juízes, analisando o panorama histórico, bem como a dinâmica de obstinação, juízo, arrependimento e livramento.

Na segunda seção, serão igualmente examinados os aspectos fundamentais que precipitaram a apostasia nacional e de que maneira os influxos culturais — abrangendo costumes, crenças e práticas religiosas — influenciaram a nação, culminando no abandono de YHWH por meio de idolatria e paganismo.

Na terceira e última seção, investigaremos a pedagogia divina que se manifesta na permissividade do sofrimento, com um olhar especial para a experiência de Israel sob o jugo cananeu. A partir desse exemplo histórico, refletiremos sobre as implicações dessa dinâmica para o nosso contexto atual.

Por fim, este estudo contribui significativamente para a teologia, reafirmando a soberania divina, o amor de Deus e a ação da graça em meio ao sofrimento humano, corroborando para hipótese central desta pesquisa, que a dor e o sofrimento em contexto apropriado possuem propósitos redentivos.

## **1. O CICLO APOSTÁTICO DO LIVRO DE JUÍZES**

O livro dos juízes é uma sequência caótica de eventos trágicos que refletem uma realidade infeliz quanto ao propósito divino para seu povo. Esse cenário é corroborado na epígrafe central do livro que declara: “naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um

fazia o que achava mais reto aos seus olhos” (Juízes 21.25). Em termos fatídicos, trata-se de pessoas desprezíveis realizando coisas deploráveis.<sup>3</sup>

Após a morte de Moisés, Josué e dos anciãos, a nação se corrompeu profundamente ao miscigenarem-se com os cananeus e prestarem culto aos seus deuses.<sup>4</sup> Com o passar do tempo a degradação arraigou-se cada vez mais, acirrando veementemente a condição execrável de Israel e deixando a situação nacional cada vez pior, a ponto de os Israelitas caírem em uma situação crônica de apostasia.<sup>5</sup>

Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século, afirma que Israel, ao abandonar as guerras, buscou desfrutar em paz os bens acumulados. No entanto, essa abundância e riqueza conduziram o povo ao luxo e à volúpia.<sup>6</sup> Tal letargia compreendia a toda tribo israelita ao expor a aclimação nacional por coabitar com os povos estrangeiros que Deus havia ordenado que fossem expulsos da terra prometida.<sup>7</sup>

Ao assumir a liderança de Israel, Josué se depara com uma missão extremamente complexa e melindrosa, que abarcava a travessia do Jordão e uma série de campanhas militares a fim de ocuparem a herança prometida ao patriarca Abraão.<sup>8</sup> Mas tal promessa estava amarrada a uma condicionalidade central que consistia na obediência total a YHWH pelo cumprimento de leis sintetizadas no decálogo.

Portanto, através da transmissão oral e leitura da torá – evento septenal descrito em Deuteronômio 31.9-13 – Israel mantinha-se fiel apesar de seus pequenos tropeços. Essa era uma das estratégias divinas que tinha o propósito pedagógico e experimental que almejava a consolidação de um ciclo de obediência perpétuo e geracional.

A mestranda da PUC-Rio, Daise Gomes da Costa, realizou uma pesquisa intitulada *A Pedagogia de YHWH e o seu povo diante da Lei*, no qual, elucida a questão ao entrelaçar o propósito central da lei para Israel como um espelhamento multicultural com objetivos salvíficos:

---

<sup>3</sup> KELLER, Timothy. *Juízes para você*. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 9.

<sup>4</sup> LOPES, Hernandes Dias. *Juízes: graça e pecado*. 1 ed. São Paulo: Hagnos, 2024, p.9.

<sup>5</sup> ELLISEN, Stanley. *Conheça melhor o antigo testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 94.

<sup>6</sup> JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. 28 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

<sup>7</sup> Em Juízes 1.19-36 mostra-nos como as tribos falhavam na expulsão total dos habitantes de Canaã, ratificando a sua desobediência YHWH que os havia advertido conforme Dt 7.1-5; 20.16-18.

<sup>8</sup> Cf. Gn 12.1,7; 13.15; 15.7,18; 17.8; 26.3; 28.13; Êx 3.8,17; 6.4,8; 33.1; Dt 3.20; 12.9-10; 25.19; 31.7; 34.4; Js 1.2, 6; 21.43.

O livro da Lei que foi “escrito” por Moisés conforme a ordem de YHWH, é um elemento singular. Esse material pedagógico foi entregue aos sacerdotes, filhos de Levi e aos anciãos. Josué, futuro sucessor de Moisés, é, no contexto, uma figura em destaque. O livro da Lei atesta a aliança estabelecida entre YHWH, o Deus único, e Israel, o povo eleito. Se o primeiro ponto de contato de YHWH e Israel teve como propósito libertá-los e salvá-los da escravidão do Egito; o segundo ponto indica o projeto pedagógico de YHWH, que deseja que Israel seja um povo livre e fiel, se tomando um paradigma para as demais nações, para que seu plano salvífico se estenda à toda humanidade.<sup>9</sup>

No entanto, muitos infortúnios ocorreram na trajetória israelita, de maneira que se levantou outra geração que não conhecia ao Senhor. Uma geração que não deu continuidade ao intento sagrado de fazer perdurar sua santidade pelo cumprimento de suas leis. A ingratidão decorrente da obstinação fez com que eles fizessem as coisas a sua maneira e seguissem seus próprios caminhos.

Timothy Keller, teólogo renomado e autor de vários livros, aponta que essa rebelião aconteceu em dois estágios: Primeiro, a geração após Josué não conhecia o Senhor nem o que ele tinha feito por Israel, e como resultado do esquecimento do evangelho, eles fizeram o que era mau aos olhos do Senhor e serviram aos Baalins.<sup>10</sup>

Warren W. Wiersbe outro renomado pastor, teólogo e escritor cristão, corrobora com Keller ao dizer, que por meio da desobediência, a nação de Israel deixou claro seu desejo de que os cananeus permanecessem na terra, e por isso Deus permitiu que fizessem as coisas a sua maneira, mas advertiu-os das consequências trágicas.<sup>11</sup>

Sob a liderança de Josué, após a travessia do Jordão, os israelitas conquistaram a Terra Prometida através de diversas campanhas militares. Após a distribuição das terras entre as tribos, Josué renovou a aliança divina em Siquém. Nesta renovação, Josué instruiu a nação, expondo as implicações da desobediência e salientando que deveriam obedecer ao Senhor e lançar fora os deuses dos amorreus, a fim de inclinarem seus

---

<sup>9</sup> COSTA, Daise Gomes; FERNANDES, Leonardo Agostini. *A Pedagogia de YHWH e o seu povo diante da Lei: Uma análise de Dt 31,9-13*. Rio de Janeiro, 2021. 144p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> KELLER, Timothy. *Juízes para você*. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 31.

<sup>11</sup> WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento Volume II — Histórico*. 1 ed. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 94.

corações para YHWH.<sup>12</sup>

Portanto, eles não deveriam ter piedade daquelas nações, pois elas seriam como um espinho para seus olhos,<sup>13</sup> e que, a desobediência a tais ordenanças implicaria em uma reação em cadeia devastadora.<sup>14</sup>

Russell Norman, em *O Antigo Testamento Interpretado*, lista onze juízos decorrentes da desobediência e apostasia a partir de Deuteronômio 28:

Fracasso em tudo; pestilência; seca; derrota militar; enfermidade e perseguição; incríveis aflições; exílio; frustração geral (muita semente pouca colheita); maldições coletivas de juízo geral; cidades cercadas por exércitos inimigos; extinção de Israel por meio do exílio e da fome.<sup>15</sup>

Deus não havia imposto um fardo insuportável ou impossível de cumprir. Prova disso estava na condicionalidade do zelo israelita à vista de um líder nacional, demonstrando que após a morte desse líder, invariavelmente o povo voltava a se corromper.<sup>16</sup> Isso revela que a idolatria estava profundamente enraizada em seus corações, antes de se tornar explícita e contundente.

Para o respeitado Dr. Kevin Vanhoozer, a obediência é tanto razoável quanto alcançável, e que ela não deveria ser vista como um fardo, mas como resposta ao privilégio único de conhecer a vontade de Deus.<sup>17</sup> Mas também, é razoável dizer, que Israel não via os ritos litúrgicos como um prazer, e nem se relacionavam com o divino com uma circunspeção de uma *sui generis*<sup>18</sup> salientada tantas vezes por YHWH.

A promulgação geracional das leis divinas era uma advertência expressamente latente e impreterivelmente determinante tanto para o avanço quanto para a estabilidade

---

<sup>12</sup> Veja Josué 24.14-28.

<sup>13</sup> Cf. Números 33.55 e Deuteronômio 7.1-26.

<sup>14</sup> Cf. Deuteronômio 28.15-68.

<sup>15</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O antigo testamento interpretado*: livro 2. 2 ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 858-860.

<sup>16</sup> Esse ciclo pode ser visto tanto no período teocrático (Js 24:31; Jz 2:7; 3:9-11; 3:15,30; 4:4-5) como na monarquia - majoritariamente ao sul - que tiveram Reis que seguiram ao Senhor (1 Rs 3:3; 15:11,14; 18:5-6; 2 Cr 34:33).

<sup>17</sup> VANHOOZER, Kevin J. *Theological Interpretation of the Old Testament*. 1 ed. EUA: Baker Academic, 2008, p. 94-95.

<sup>18</sup> *sui generis* é um latimismo que significa 'único no seu gênero' ou 'sem paralelo', indicando algo excepcional, singular e incomparável.

das bênçãos de Deus em Israel.<sup>19</sup> Mas ao que parece aquela geração falhou no cumprimento dessa ordem levando a uma série de eventos desastrosos, pois não tinham o mesmo compromisso espiritual e nem a mesma envergadura moral da geração predecessora.<sup>20</sup>

Uma sociedade onde as lembranças dos feitos de YHWH – que havia pavimentado o caminho desde o Egito até Canaã – fora obscurecido pelo tempo e negligenciado por uma massa rebelde. Mas é importante entendermos que essa “falta de conhecimento” não significava falta de sapiência histórica, mas sim, em um enfraquecimento da fé.

Para isso, Tim Keller nos mostra que o vasto conhecimento histórico sobre os feitos poderosos realizados por Deus, não se traduziu em honra contínua e obediência:

O verbo "conhecia" não significa necessariamente que esses israelitas não sabiam nada *sobre* o Êxodo, o mar vermelho, a travessia do Jordão, e a derrubada dos muros de Jericó, mas sim, que os atos salvadores de Deus haviam deixado de ser preciosos ou importantes aos olhos deles.<sup>21</sup>

Como consequência desse abandono, outros amores e percepções começaram a eclodir de forma que novas concessões passaram a ser instauradas. A carência de conhecimento resultou na ausência de reconhecimento acerca do passado glorioso de Israel, que acaba por desaguar num declínio espiritual.<sup>22</sup>

Tendo rejeitado o conhecimento de Deus, os israelitas desobedeceram a seus mandamentos. Deus havia ordenado a destruição dos povos pagãos e a instauração de um governo teocrático, mas o povo, em sua perversidade desvirtuou dessa missão.<sup>23</sup> Aquela geração além de perversa, era infiel e ingrata.<sup>24</sup> E por isso, YHWH entrega o povo à própria impiedade, fazendo com que Israel se tornasse um instrumento de castigo contra

---

<sup>19</sup> Em muitos textos bíblicos, YHWH ratifica a importância da transmissão oral. Essa promulgação era feita através dos anciões, sacerdotes, profetas, e líderes nacionais. Porém, os pais também tinham a responsabilidade de transmitir a os seus filhos, para que as futuras gerações pudessem permanecer estáveis e desfrutarem dos benefícios das alianças de Deus. Cf. Dt 6:6-7; Sl 78:4; Ex 12:26-27; Js 4:21-22.

<sup>20</sup> LOPES, Hernandes Dias. *Juízes: graça e pecado*. 1 ed. São Paulo: Hagnos, 2024, p. 45.

<sup>21</sup> KELLER, Timothy. *Juízes para você*. 1º edição. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 31.

<sup>22</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O antigo testamento interpretado*. 2 ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 1003.

<sup>23</sup> Cf. Deuteronômio 7:1-2; Deuteronômio 20:16-17; Números 33:51-53; Josué 23:12-13.

<sup>24</sup> LOPES, *op. cit.*, p. 47-48.

si mesma.<sup>25</sup>

A persistência de Israel no pecado deixou Deus tão irado que ele decidiu tomar medidas mais drásticas declarando que não expulsaria as nações que haviam escapado das conquistas de Josué.<sup>26</sup> Isso faz com que a nação entre num ciclo pecaminoso composto por quatro elementos: Apostasia, servidão, súplica e salvação.<sup>27</sup>

Sendo assim, a ira de Deus começa se revelar do céu contra impiedade e injustiça de Israel, que estava suprimindo a verdade por sua injustiça.<sup>28</sup> Pois embora Deus levantasse juízes para libertá-los, após a morte desses líderes, os israelitas recaíam, a ponto de se tornarem mais corruptos do que as nações que deveriam expulsar; uma contundência que analisaremos em alíneas posteriores.<sup>29</sup>

## 1. A influência cultural e o sincretismo religioso

Um povo sem o conhecimento de Deus, torna-se desobediente, e conseqüentemente suscetível as influências de sua geração. Embora a idolatria de Israel tenha se manifestado no deserto, foi na terra de Canaã que receberam o forte impulso para seguirem essa corrupção, pois apoderaram-se de um lugar que já contava com seus santuários, sacerdotes e práticas religiosas e idólatras.<sup>30</sup> Um vislumbre dessa influência já havia cativado gerações anteriores no caso de Peor.<sup>31</sup> Mas agora, eles estavam inseridos na terra com uma domesticidade extremamente maligna e imoral.

Como pode ser visto, o culto a YHWH era centrado em grandes festas anuais e não num sistema sacrificial humano e ritos da fertilidade como as religiões pagãs.<sup>32</sup> Por

---

<sup>25</sup> HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. 1 ed. São Paulo: Vida, 2005, p. 271.

<sup>26</sup> CHISHOLM JR., Robert B. *Comentários do Antigo Testamento*. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 143.

<sup>27</sup> CUNDALL E. Arthur; MORRIS Leon. *Juízes e Rute: Introdução e comentário*. 1 ed. São Paulo: Vida nova, 2017, p. 26.

<sup>28</sup> Paráfrase de Romanos 1:18.

<sup>29</sup> Essa referência pode ser observada em Ezequiel 5:6-7 que descreve a degradação de Israel em comparação com as nações que deveriam ser expulsas. Este conceito é ratificado em 2 Reis 21:9, onde o Rei Manassés é mencionado por levar o povo a pecar ainda mais gravemente do que essas nações.

<sup>30</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia: Vol 1*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 57.

<sup>31</sup> Números 25 descreve o caso de Peor, onde muitos israelitas se envolveram com mulheres moabitas e participaram de cultos idólatras a Baal de Peor. Essa desobediência resultou em uma praga que matou 24.000 israelitas.

<sup>32</sup> CARNEIRO, Eloíde Araújo. *A influência da religião no Israel primitivo: a cosmovisão de um povo que fez Yahweh*. 2021. 60p. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

isso, essas divindades foram verdadeiras armadilhas para a nação, pois os seduziram a prostituição espiritual em cultos regidos pela sensualidade.<sup>33</sup>

Os cananeus possuíam um extenso panteão encabeçado pelo deus El. Na prática os deuses mais proeminentes eram Baal ("senhor") e Aserá (Astarote).<sup>34</sup> No livro dos Juízes é mencionado que Israel serviu aos baalins.<sup>35</sup> Entretanto, isso não deve ser interpretado como a existência de um vasto número de deuses, mas sim como manifestações locais do mesmo deus Baal, que era aclamado como o deus da tempestade e da fertilidade.<sup>36</sup>

Segundo Daniel I. Block, um renomado estudioso do Antigo Testamento, o nome "Baal" (*ba'al*) é empregado como um título divino mais de setenta vezes no antigo testamento, sendo utilizado como designação de deus da tempestade/meteorologia atendendo também pelo nome Hadade;<sup>37</sup> sendo este o nome sírio correspondente ao Baal canaanita. No entanto, havia várias variantes desse nome: Baal-Berite (Jz 9.4), Baal-Peor (Nm 25.3), Baal-Gade (Js 11.17) e Baal-Zebube, ou mais provavelmente Baal-Zebul (2 Rs 1.2).<sup>38</sup>

O culto a Baal no antigo Oriente teve uma profunda influência nas práticas religiosas dos povos vizinhos. Normam Champlin argumenta que a fim de promover o sentimento religioso do povo e honrar os deuses, foram instituídas festas que apelavam ao impulso procriador e a licenciosidade, incluindo a prostituição masculina e feminina, que se tornou um acompanhamento indispensável nesses cultos de fertilidade.<sup>39</sup>

Para Wiersbe, a combinação de idolatria, imoralidade e sucesso no cultivo da terra, era quase irresistível aos homens.<sup>40</sup> Paul R. House citando R. K. Harrison, acrescenta que

---

<sup>33</sup> LOPES, Hernandes Dias. *Juízes: graça e pecado*. 1 ed. São Paulo: Hagnos, 2024, p. 48.

<sup>34</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*: v.1. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 193.

<sup>35</sup> Cf. Juízes 2.11.

<sup>36</sup> WALTON, H. John; MATTHEWS H. Victor, CHAVALAS W. Mark. *Comentário histórico-cultural da bíblia: Antigo Testamento*. 1 ed. São Paulo: Vida nova, 2018, p. 318.

<sup>37</sup> BLOCK, Daniel I. *Comentário exegético: Juízes e Rute*. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2024, p. 128.

<sup>38</sup> CUNDALL E. Arthur; MORRIS Leon. *Juízes e Rute: Introdução e comentário*. 1º ed. São Paulo: Vida nova, 2017, p. 67.

<sup>39</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O antigo testamento interpretado*: v.6. 2 ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 3879.

<sup>40</sup> WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento Volume II — Histórico*. 1 ed. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 93.

Baal e sua consorte anate – identificada também como Aserá, Astarte e Astarote – eram venerados por meio das práticas mais sensuais e orgíacas de que a humanidade tem conhecimento.<sup>41</sup>

Sobre o culto a Anate, observa-se o atrelamento da depravação, violência e impunidade, cujo as celebrações envolviam rituais que exaltavam a brutalidade e o descontrole. Nos textosugaríticos e nas literaturas épicas religiosas era conhecida como patrocinadora do sexo e da guerra, identificada nos textos bíblicos em alguns contextos como “rainha do céu” (Jr 7.17-18; 44.17-25).<sup>42</sup> Em um dos fragmentos do épico de Baal<sup>43</sup> mostram sua tolerância a um massacre tanto de jovens como de velhos, asseverando sua hostilidade.<sup>44</sup>

Pode-se observar que, de modo geral, essas divindades exerceram influências multiculturais e atemporais. Além de seu impacto no contexto teocrático, suas repercussões se estenderam tanto ao passado quanto ao futuro, deixando uma marca indelével na história das religiões.

R. Clyde Ridall, no *Comentário Bíblico Beacon*, expressa essa faceta multiculturalista da religião, corroborando com esse influxoacrônico:

Astarote, às vezes grafado no plural, provavelmente era a deificação do planeta Vênus. Astarte, outro nome para Astarote, é a antiga deusa semítica do amor, da fertilidade e da maternidade. Ela era adorada a leste do Jordão desde os tempos de Abraão (Gn 14.5) pelos sidônios e fenícios (1 Rs 11.33), pelos árabes do sul e pelos filisteus (1 Sm 31.10). Na Babilônia e na Assíria (onde era conhecida com Ishtar), também era uma deusa da guerra. Sua adoração incluía a prostituição como um ritual religioso. Até mesmo Salomão fraquejou, seduzido pelos seus fascinantes encantos (1 Rs 11.5). Nos dias de Jeremias, os hebreus a chamavam de “Rainha dos Céus” (Jr 7.18). E era conhecida pelos gregos como Afrodite e pelos romanos como Vênus.<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. 1. ed. São Paulo: Vida Acadêmica, 2005. p.208. *Apud* HARRISON, R. K. Introduction to the Old Testament: with a comprehensive review of Old Testament studies and a special supplement on the Apocrypha. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1969.

<sup>42</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O antigo testamento interpretado*: v.6. 2 ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 3787.

<sup>43</sup> Descoberto nas ruínas da antiga cidade de Ugarit, o épico de Baal nos oferece um vislumbre da mitologia Cananéia em seu apogeu. Datado de aproximadamente 1350 a.C., esse texto narrativo detalha as aventuras do deus Baal.

<sup>44</sup> HARRISON, K. R. *Tempos do Antigo Testamento: Um contexto social, político e cultural*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 163.

<sup>45</sup> RINDALL, R. Clyde *et al.* *Comentário bíblico Beacon*: vol.2. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005 p. 104.

Nota-se, portanto, que a idolatria, imoralidade e violência se enraizaram rapidamente em Israel a partir de dois acontecimentos hediondos que homologam esse declínio: a apostasia de Dã (Jz 17 – 18) e a sodomia de Benjamim (19 – 21).<sup>46</sup> Esses acontecimentos revelam a ligeireza do alastramento dessas influências na nação, evidenciando quão profundamente estavam arraigados na abjuração e sincretismo.

Para isso, faz-se necessário saber, que análise dos eventos narrados no epílogo do livro dos Juízes (17 – 21) exige cautela para evitar anacronismos. Para o autor bíblico, as condições descritas no epílogo espelhavam a anarquia reinante numa época em que “não havia rei em Israel e cada um fazia o que bem lhe parecia”<sup>47</sup>, mostrando a fragilidade da ordem social e a crise espiritual.<sup>48</sup>

Portanto, ao apresentar uma radiografia da apostasia religiosa, o autor mostra a intensidade da canaanização, a degeneração religiosa e a degradação moral de Israel.<sup>49</sup> Uma data anterior é indicada pela presença dos netos de Moisés (Jz. 18.30) e Arão (Jz. 20.28); além da menção da arca da aliança em Betel (Jz 20.27-28). Por isso, é provável que os eventos narrados no epílogo tenham ocorrido nos dias de Otniel.<sup>50</sup>

Em termos de especificidade, é a partir do período teocrático que Israel começa sua jornada cíclica de apostasia, juízo, arrependimento e livramento. Um processo que transcorreria até a destruição do Israel ao norte e o exílio de Judá ao sul.<sup>51</sup> Pois embora as medidas de Neemias e Esdras contra os casamentos mistos indiquem que ainda havia algum perigo de sincretismo<sup>52</sup>, o monoteísmo absoluto parece ter sido predominante no período pós-exílio.<sup>53</sup>

Mas pode-se notar que antes das incursões militares em Canaã, o povo já havia flertado com o sincretismo, como no caso do bezerro de ouro descrito em Êxodo 32. Neste

---

<sup>46</sup> Os eventos de Juízes 19 – 21 assemelham-se as abominações de Sodoma (Gn 18 – 19).

<sup>47</sup> Cf. Juízes 17.6; 18.1; 19.1; 21.25.

<sup>48</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O antigo testamento interpretado*: v 2. 2º ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p 1068.

<sup>49</sup> BLOCK, Daniel I. *Comentário exegético*: Juízes e Rute. 1º ed. São Paulo: Vida Nova, 2024, p. 586.

<sup>50</sup> CHAMPLIN *loc. cit.*

<sup>51</sup> As dez tribos do norte foram destruídas pelos assírios (aprox. 721 a.C), enquanto as duas tribos do sul foram exiladas para Babilônia durante o reinado de Nabucodonosor (aprox. 587 a.C).

<sup>52</sup> Cf. Nm 10.30; 13.23-26; Ed 9.1-4.

<sup>53</sup> DAY, John. *Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan*. 1 ed. London: Sheffield Academic Press, 2002, p 226.

contexto – para Israel – prestar adoração ao bezerro de ouro não significava um abandono absoluto a YHWH, mas uma tentativa de amalgamar adoração entre dois ou mais senhores.<sup>54</sup>

Mas a frente, no período monárquico, Jeroboão engendra o mesmo arquétipo após a divisão dos reinos,<sup>55</sup> com o ensejo de estabelecer um culto rival para o santuário central em Jerusalém, e não a introdução de um deus estrangeiro ou de um ídolo pagão.<sup>56</sup>

Assim, “O Israel Teocrático”, adentra na apostasia com a devoção explícita aos deuses mórbidos dos cananeus combinado com culto a Javé; trazendo um agravamento ainda maior.<sup>57</sup> Pois nesse caso, Israel arrola-se num sincretismo religioso, miscigenando o javismo com a adoração a El e todo panteão cananeu.

## 2. A pedagogia de Deus

É nítido que a “obediência imperfeita” de Israel se demonstrou por atitudes que podemos denominar como adultério espiritual., pois abandonaram ao Senhor para seguir seus amantes.<sup>58</sup> Em seu zelo, Deus é um axioma proposto que reflete sua fama e amor para com seu povo. Ele não se tornou indiferente a desobediência, tão pouco fez vista grossa para seus pecados. Ainda que as consequências tivessem sido prévia e exaustivamente comunicadas, a desobediência foi inevitável, legitimando as predições feitas por Moisés.<sup>59</sup>

Diante dos fatos, YHWH em sua soberania propõe um plano disciplinar que mais refletem sua graça do que sua ira. Daniel Block no *comentário exegético de Juízes e Rute*, esclarece essa perspectiva:

---

<sup>54</sup> Nota-se após a fundição do bezerro, Arão edificou um altar e proclamou que no dia seguinte haveria culto, ratificando a ideia de um sincretismo, amalgamando elementos da adoração a YHWH com a veneração de ídolos de fundição.

<sup>55</sup> Após a morte de Salomão o reino de Israel é dividido com 10 tribos ao norte e 2 ao sul. Como governante do norte, Jeroboão constituiu dois bezerros de ouro colocando-os em pontos estratégicos: Dã ao norte e Betel ao sul. Seu objetivo era firmar um culto rival ao de Jerusalém.

<sup>56</sup> CROSS, Moore Frank. *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the history of the religion of Israel*. 1 ed. EUA: Harvard University Press, 1997, p 75.

<sup>57</sup> KELLER, Timothy. *Juízes para você*. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 39.

<sup>58</sup> CUNDALL E. Arthur; MORRIS Leon. *Juízes e Rute: Introdução e comentário*. 1 ed. São Paulo: Vida nova, 2017, p. 69.

<sup>59</sup> Cf. Deuteronômio 31:16-18.

Embora os leitores contemporâneos possam protestar contra essa imagem de Deus [...] a expressão de fúria divina precisa ser interpretada no contexto de demonstrações extravagantes da graça no passado. YHWH é um Deus apaixonado; ele não consegue ficar de mãos abanando enquanto outros competidores divinos arrancam seu povo dele. Também não aceita passivamente os casos de adultério do seu próprio povo com outros deuses.<sup>60</sup>

Isso significa que a ira de Deus com Israel, não deve ser mensurada, tão pouco comparada, a intemperança humana, pois a ira nem sempre é o oposto do amor; na verdade, ela pode ser manifestação do amor.<sup>61</sup>

Quando Deus tornou o Israel seu povo peculiar, não era sua intenção rejeitá-los ou trocá-los por outro povo que lhe aprovesse,<sup>62</sup> pois havia estabelecido uma aliança eterna com Israel.<sup>63</sup> Mas a eleição da graça não invalidava a correção com vista ao reposicionamento nacional, pois dentro do ciclo apostático, tempos de desespero traziam momentos de sobriedade e consequente arrependimento.

Portanto, a imersão na malignidade, depravação e sincretismo – traços da desordem nacional – ampara o pedagogismo de Javé pela permissividade do sofrimento. Pois na pecaminosidade do homem, há constância de um Deus que está sempre pronto para ouvir as angústias de seu povo desviado para intervir em seu favor.<sup>64</sup>

Diante da apostasia, a correção divina se deu por meio da coabitação com outras nações permitindo que Israel fosse subjugado por seus inimigos. Em resposta à persistente obstinação, YHWH declarou que não mais expulsaria os povos circundantes, transformando-os em adversários e colocando seus deuses como armadilhas. Decisão que tencionava testar a fidelidade de Israel e corrigi-los por sua rebeldia.<sup>65</sup>

O livro dos juízes detalha as nações opressoras e seus respectivos períodos de domínio: Mesopotâmia (8 anos), Moabe (18 anos), Canaã (20 anos), Midianitas (7 anos),

---

<sup>60</sup> BLOCK, Daniel I. *Comentário exegetico: Juízes e Rute*. 1º ed. São Paulo: Vida Nova, 2024, p. 125.

<sup>61</sup> KELLER, *op. cit.*, p. 35.

<sup>62</sup> HENRY, Matthew. *Comentário bíblico antigo testamento*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 316.

<sup>63</sup> Cf. Gênesis 17:7; Isaías 55:3; Romanos 11.

<sup>64</sup> CUNDALL E. Arthur; MORRIS Leon. *Juízes e Rute: Introdução e comentário*. 1 ed. São Paulo: Vida nova, 2017, p. 47.

<sup>65</sup> Cf. Juízes 2 quando ao esclarecimento desses juízos.

Amonitas e filisteus (18 anos) e filisteus (40 anos), totalizando 111 anos,<sup>66</sup> conforme quadro cronológico proposto por Ellisen.<sup>67</sup>

As tensões da opressão inimiga, consistiam desde perda da autonomia, controle econômico, extorsões, espoliações, depredações da colheita, pressão psicológica, violência, abusos, medo e impunidade. Um exemplo claro, pode ser visto a partir da opressão sofrida pelos midianitas descrito em Juízes 6.1-10.

Para isso, o teólogo especialista em AT, Victor Hamilton, descreve a extensão da severa tirania que neste contexto acometia Israel:

Esta opressão tomou a forma de destruição dos animais e do pasto, privando Israel de colheita (“não deixavam sustento algum”), ovelhas (para alimento e roupas), bois (para agricultura e arado) e jumentos (para transporte), e forçando-os a se esconderem lugares como montes e cavernas (6.2-4). O saldo para Israel é empobrecimento e miséria.<sup>68</sup>

Num outro contexto após o juizado de Tola e Jair, Israel degradingolou ainda mais em sua sanidade a ponto de prestarem adoração aos deuses de Arã, Sidom, Moabe, Amom e dos filisteus.<sup>69</sup> Os deuses de Moabe e de Amom eram Camos e Malcã (com suas variantes Milcom, Moleque e Moloque) respectivamente.<sup>70</sup> Tais deuses eram venerados através de práticas de infanticídio ritual.<sup>71</sup>

Nesse tempo de opressão, Israel se viu muito angustiado, e após clamarem, Deus se recusou a livrá-los.<sup>72</sup> O negacionismo de YHWH objetivava mostrar a nação que a extensão de sua malignidade seria proporcional à intensidade de sua correção. Quanto mais mergulhados estavam na iniquidade, mais intensa era a opressão sofrida.

Assim, diante de tal angústia, eles tiraram os deuses estranhos do meio de si e adoraram o Senhor, e como consequência direta ele já não pôde reter a sua compaixão diante da desgraça de Israel.<sup>73</sup> Essa ação exprime calorosamente a graça de Deus e o seu

---

<sup>66</sup> Vale ressaltar, que as referências acima não levam em consideração o período do juizado de Samuel, nem o reinado usurpado de Abimeleque. Cf. Juízes 3.7-11; 12-30; 4.1-24; 6 – 8.28; 10.6 – 12.7; 13.1 – 16.31.

<sup>67</sup> ELLISEN, Stanley. *Conheça melhor o antigo testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 81.

<sup>68</sup> HAMILTON, Victor P. *Introdução aos Livros Históricos*. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 120.

<sup>69</sup> Cf. Juízes 10.1-6.

<sup>70</sup> CUNDALL E. Arthur; MORRIS Leon. *Juízes e Rute: Introdução e comentário*. 1º ed. São Paulo: Vida nova, 2017, p. 132.

<sup>71</sup> HAMILTON, 2018, op. cit., p. 431.

<sup>72</sup> Cf. Juízes 10:11-14.

<sup>73</sup> Cf. Juízes 10.16.

desejo por restaurá-los, pois o suscitar de libertadores, acrisola ainda mais sua benevolência;<sup>74</sup> pois mesmo sabendo que a influência desses líderes tivesse prazo de validade, ele não hesitou em enviar escape e alívio para seu povo.

Considerando apenas os relatos do livro de Juízes, foram estabelecidos doze líderes ao longo de aproximadamente 300 anos, embora o período total entre trégua e opressão tenha alcançado cerca de 410 anos.<sup>75</sup> Esse ciclo revela a imensa longanimidade divina em face do pecado. Pois a misericórdia de Deus não se limitou ao período teocrático, mas se estendeu por todo o antigo pacto, até que a graça e a verdade se manifestassem plenamente em Cristo.

### 3.1 O Antropomorfismo Paternal de Javé<sup>76</sup>

Em termos práticos, dentre as diversas nomenclaturas atribuídas a YHWH em relação a Israel, a figura paterna é uma das mais contundentes e inapeláveis, sendo avigoradas em diversos textos bíblicos.<sup>77</sup> E Dentro dessa figura, observa-se que a correção de um pai para com seu filho, expressa umas das maiores personificações antropomórficas em relação a Deus com o seu povo.<sup>78</sup>

Em Deuteronômio 8.5, salienta-se o valor da disciplina, onde Moisés em seu discurso, traz a memória a peregrinação no deserto, correlacionando com as provações sofridas naquele contexto, espelhando o cuidado, provisão, e fidelidade de Deus para com seu povo. A palavra disciplina no hebraico é יָסַר (yāsar) com derivados como מוֹסֵר (músār) que significam: disciplinar, corrigir, instruir, admoestar, castigar. A partir do uso e de paralelos no AT, deve-se concluir que yāsar e músār denotam a correção que resulta em educação, pois a disciplina tem seu fundamento teológico na aliança que Javé estabelece com seu povo.<sup>79</sup>

VanGemeren, editor do *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do*

---

<sup>74</sup> LOPES, Hernandes Dias. *Juízes: graça e pecado*. 1 ed. São Paulo: Hagnos, 2024, p. 51.

<sup>75</sup> ELLISEN, Stanley. *Conheça melhor o antigo testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 77.

<sup>76</sup> A expressão “antropomorfismo paternal de Javé”, busca expressar a tendência de representar Deus (Javé) com características e comportamentos tipicamente associados a um pai humano. Antropomorfismo é um termo que atribui características humanas a seres não humanos.

<sup>77</sup> Cf. Dt 32.6; Sl 103.13; Is 63.16; Jr 3.19; Ml 2.10; Mt 6.9; Rm 8.15.

<sup>78</sup> Cf. Pv 3.11-12; Hb 12.5-11; Sl 94.12; Dt 8.5; Ap 3.19; Sl 23.4.

<sup>79</sup> HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 632.

*Antigo Testamento*, explica-nos a dinâmica de “ysr” apontando que a correção na ótica divina se inclina como um ato providencial de Javé:

Em inúmeros casos, ysr fala da punição dada por Javé, geralmente em decorrência do pecado de seu povo e da violação da estrutura da aliança. Às vezes, a disciplina tem apenas a forma de aviso ou de ameaça de punição [...]. Ademais, a verdadeira disciplina é, em si mesma, um sinal de graça, pois Javé trata dessa maneira apenas aqueles a quem ele ama (Dt 8.5; Pv 3.12; Jr 31.18). A punição é, nesse sentido, disciplinadora, restauradora e purificadora em intenções e resultados.<sup>80</sup>

Pondera-se, portanto, que as dificuldades enfrentadas no deserto, embora fossem desafiadoras, eram uma expressão do amor de Deus pelos israelitas. Assim como um pai corrigi seu filho, ele buscava aprofundar o relacionamento a fim de prepará-los para que pudessem desfrutar de suas ricas bênçãos.

Conforme R. Laird Harris, no *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, a disciplina garante a certeza da filiação divina:

No cântico da aliança de Moisés, YHWH é chamado de Pai (Dt 32.6; cf. 1.31; Is 1.2) do povo da aliança. Por essa razão, está na aliança a base teológica para um pai terrestre disciplinar o filho. Ele tem em si a imagem do seu Senhor, o Senhor da aliança, e como tal tem uma relação análoga com seus filhos — repreendendo, corrigindo, instruindo, atendendo às necessidades — coisas que são expressões de um relacionamento interpessoal de amor.<sup>81</sup>

Ao voltarmos para o livro dos juízes, Javé em uma de suas medidas corretiva, pôs Israel à prova.<sup>82</sup> Assim como em outros contextos, seu objetivo era acrisolar a fidelidade da nação. A raiz hebraica da palavra provação é” נִסָּה” (nsh / nāsâ ou nasah) que significa “ser treinado”. Em relação a Javé para seu povo, “nsh” denota o seu desejo tanto para avaliar aspectos específicos do caráter, como para influenciá-los e moldá-lo; além de confirmar sua devoção e compromisso pessoal.<sup>83</sup> O termo nāsâ é utilizado em outros contextos, como quando Deus provou Abraão e Ezequias.<sup>84</sup>

Portanto, consolida-se a ideia de que as "provas" às quais YHWH submetia seu povo não tinham objetivos punitivos, mas formativos, com vista ao aprimoramento do caráter para que eles andassem nos caminhos de Deus.

---

<sup>80</sup> VANGEMEREN, Willem A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese*: vol. 2.1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 479.

<sup>81</sup> HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 633.

<sup>82</sup> Cf. Juízes 2.22.

<sup>83</sup> VANGEMEREN, Willem A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese*: vol. 3.1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 115.

<sup>84</sup> Cf. Gênesis 22.1 e 2 Crônicas 32.31 respectivamente.

Timothy Keller, argumenta que “os tempos difíceis despertam pessoas do sono fantasmagórico e da autossuficiência espiritual, levando-as a uma busca sincera do divino”.<sup>85</sup> Para o celebre teólogo John Piper, embora nunca tenhamos visto Jesus, as provações ardentes fazem com que Ele se torne cada vez mais real, pois as experiências de sofrimento nos purificam como o fogo refina o ouro.<sup>86</sup>

Mas vale ressaltar que o propósito deste estudo não é nos comprometermos com uma teodiceia pedagógica,<sup>87</sup> pois a soberania de Javé, abrange tanto o bem quanto o mal, revelando a complexidade de seus propósitos. Nesse contexto, o sofrimento emerge como um instrumento corretivo que molda o caráter de seus filhos, embora por vezes, faça com que sua justiça e amor pareçam paradoxais.

### 3.2 Contextualizando Juízes

Assim como na conjuntura expressa no livro dos Juízes, em que, a nação de Israel enfrentou contínuos influxos da cultura e religião cananeia, nossa nação enfrenta desafios semelhantes com o avanço do secularismo, acompanhado por uma crescente multiplicidade de filosofias e ideologias que relativizam a fé cristã. Tal influência tem fomentado o sincretismo, resultando em uma apostasia generalizada e impelindo o cristão a posicionar-se para o bem ou para o mal.

O relativismo contemporâneo acaba por atingir a realidade objetiva, prevalecendo, porém, a normatização das percepções subjetivas, e levando-nos a uma perturbadora e infindável guerra de consciência.<sup>88</sup> De acordo com renomado pastor e teólogo anglicano John Stott, tal pluralismo se deve principalmente a três fatores: o declínio da Igreja institucional, à ascensão de alternativas religiosas e à fragmentação da natureza da crença.<sup>89</sup> Da mesma forma, grandes catástrofes têm assolado a sociedade, abrangendo

---

<sup>85</sup> KELLER, Timothy. *Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento*. 1 ed. São Paulo: Nova vida, 2016, p. 15.

<sup>86</sup> PIPER, John; TAYLOR, Justin. *Sofrimento e a Soberania de Deus*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 165-166.

<sup>87</sup> O termo teodiceia foi cunhado pelo filósofo alemão Gottfried W. Leibniz, cujo propósito consiste na tentativa de tentar explicar a coexistência do mal e o sofrimento com a bondade de Deus. A teodiceia pedagógica é uma abordagem teológica que busca conciliar a existência do mal e do sofrimento no mundo com a crença em um Deus bondoso e todo-poderoso.

<sup>88</sup> MOTTA, Luciano. *A igreja remanescente: de volta à essência de ser igreja*. 1 ed. Rio de Janeiro: Themelios, 2023, p.180.

<sup>89</sup> STOTT, John. *O cristão em uma sociedade não cristã: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 83.

desde enchentes, terremotos e tsunamis, pandemias, guerras e conflitos políticos.

Diante dos desafios que assolam a humanidade – sejam eles de natureza moral ou decorrentes de tragédias naturais – somos levados a refletir profundamente sobre nossas ações, valores e missão como corpo de Cristo. Pois talvez as aflições que abalam a humanidade, seja o megafone de Deus para despertar um mundo surdo; pois Deus sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossas dores.<sup>90</sup>

John Piper argumenta, que cristãos são atingidos por tsunamis, mortos em ataques terroristas e pegam o coronavírus. A diferença, é que a nossa experiência com essa corrupção não é condenatória (Rm 8.1). A dor para nós é purificadora, não punitiva.<sup>91</sup> Isso pode ser verificado em diversos textos bíblicos, nos quais Deus emprega o sofrimento como um meio de eliminar nossas fraquezas, enobrecer nosso caráter e confirmar nossa fé.<sup>92</sup>

Portanto, reconhecemos que, embora o sofrimento seja uma consequência direta de um mundo decaído, resultante do pecado adâmico e disseminado por sua descendência, diante do inevitável, Deus emprega essas circunstâncias para nos ensinar lições significativas. Essas lições têm a função de nos aproximar de Deus, erradicar nosso orgulho e expor nossa vulnerabilidade, tornando-nos totalmente dependentes Dele.

Mas vale ressaltar, que o lidar com as calamidades, infortúnios, e tragédias nos tencionam a dois extremos posicionamentos. Pois a dor pode tanto nos levar a uma rebelião final e sem arrependimento, como dá a oportunidade que o homem mau pode ter para se corrigir; pois ela remove o véu e finca a bandeira da verdade na fortaleza de uma alma rebelde.<sup>93</sup>

Assim, mesmo que as dificuldades externas possam nos desgastar, estamos sendo interiormente renovados e preparados para a glória eterna, uma glória que supera qualquer sofrimento desta vida imperfeita. Por isso, devemos fixar nossos olhos em Jesus e nos exemplos de fé das gerações passadas, que por meio da fé, suportaram as aflições e

---

<sup>90</sup> LEWIS, C. S. *O Problema da Dor*. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021, p. 91.

<sup>91</sup> PIPER, John. *Coronavírus e Cristo*. 1 ed. São Paulo: Fiel, 2020, p. 59.

<sup>92</sup> Cf. Hb 12.1-17; Rm 8.18-30; 2 Co 1.3-12; 4.7; 5.5; 11.24; 12.10. 1 Pd 1 – 5.

<sup>93</sup> LEWIS, *op. cit.*, p. 94.

alcançaram a recompensa eterna.<sup>94</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo confirma que as aflições sofridas por Israel no período dos juízes não foram apenas um reflexo da ira divina, mas uma expressão do amor de Deus, cujo propósito era a restauração espiritual do seu povo. A pesquisa evidencia que Javé agiu de forma ativa diante da apostasia de Israel, e que seus atos pedagógicos foram intervenções destinadas a levar o povo ao arrependimento.

Desse modo, os resultados corroboram para evidenciar que a correção de YHWH através da permissibilidade do sofrimento, tinha intenções de caráter formativo, promovendo e enaltecendo sua grandeza pelos grandes livramentos demonstrados. Ademais, as tensões sofridas reconduziam o povo a uma renovação espiritual, fortalecendo os laços da aliança e estabelecendo períodos de paz e prosperidade nacional.

Portanto, a pesquisa reafirma a importância de compreender as aflições sob a ótica da soberania divina e não como um fim em si mesmo. Pois ainda que as aflições em muitos contextos sejam paradoxais, elas se revelam como um meio da graça, que afluem o amor de Deus por nós. Essa abordagem endossa a teologia bíblica e contribui para teologia prática, oferecendo recursos para auxiliar aqueles que passaram ou estão passando por momentos de sofrimento.

Além disso, a contextualização dos cenários analisados nesta pesquisa demonstra sua relevância para a teologia contemporânea, oferecendo subsídios para a igreja e o indivíduo enfrentarem os desafios da atualidade. A análise do sincretismo e da resistência espiritual em um mundo cada vez mais secularizado, permite identificar paralelos para aplicabilidade dos princípios bíblicos relacionados às demandas atuais.

Por fim, esta pesquisa é um alerta à influência da cultura contemporânea sobre a igreja, promovendo um sincretismo que, sob o disfarce de justiça, tem aprisionado muitos em falsas doutrinas. A idolatria do ego, somada ao acirramento de expectativas em nomes políticos, revela uma obstinação que fomenta a apostasia, cegando a igreja para a diversidade de perspectivas e a necessidade de um olhar crítico sobre as próprias

---

<sup>94</sup> Paráfrase de Hebreus 11.39; 12:1-2; 2 Coríntios 4.17-18.

convicções. Essas tendências comprometem os fundamentos do cristianismo, levando à negociação de valores essenciais.

Assim, este estudo serve como um alerta sobre os perigos do sincretismo e a necessidade de um retorno às origens da fé, vistos sob a ótica da afirmação de Paulo em Romanos 15.4, que diz que tudo o que foi escrito, para nosso ensino foi escrito, nos convidando a uma profunda reflexão sobre a aplicabilidade desses princípios em nosso dia a dia, para que evitarmos os erros do passado, nos posicionemos no presente e nos estabeleçamos no futuro.

## REFERÊNCIAS

- BLOCK, Daniel I. *Comentário exegético: Juízes e Rute*. 1º edição. São Paulo: Vida Nova, 2024.
- BROWN, F; DRIVER, S. R; BRIGGS, C. A. *A hebrew and english lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1906.
- CARNEIRO, Eloíde Araújo. *A influência da religião no Israel primitivo: a cosmovisão de um povo que fez Yahweh*. 2021. 60p. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia: Volume 1*. 11º edição. São Paulo: Hagnos, 2013.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O antigo testamento interpretado: livro 2*. 2º edição. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CHISHOLM JR., Robert B. *Comentários do Antigo Testamento*. 1 edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- Costa, Daise Gomes; Fernandes, Leonardo Agostini. *A Pedagogia de YHWH e o seu povo diante da Lei: Uma análise de Dt 31,9-13*. Rio de Janeiro, 2021. 144p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- CROSS, Moore Frank. *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the history of the religion of Israel*. 1 ed. EUA: Harvard University Press, 1997.
- CUNDALLE, Arthur; MORRIS Leon. *Juízes e Rute: Introdução e comentário*. 1º Edição. São Paulo: Vida nova, 2017.
- DAY, John. *Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan*. 1 ed. London: Sheffield Academic Press, 2002.
- ELLISEN, Stanley. *Conheça melhor o antigo testamento*. 2. Edição revista e atualizada. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- HAMILTON, Victor P. *Introdução aos Livros Históricos*. 1º Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARRISON, K. R. *Tempos do Antigo Testamento: Um contexto social, político e cultural*. 1ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HENRY, Matthew. *Comentário bíblico antigo testamento*. 1º edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. 1º edição. São Paulo: Editora Vida, 2005.

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. 1º edição. São Paulo: Vida acadêmica, 2005, p. 208. *apud* HARRISON, R. K. *Introduction to the Old Testament: with a comprehensive review of Old Testament studies and a special supplement on the apocrypha*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1969.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. 28 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

KELLER, Timothy. *Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento*. 1 ed. São Paulo: Nova vida, 2016.

KELLER, Timothy. *Juízes para você*. 1º edição. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LEWIS, C. S. *O Problema da Dor*. 1 ed. São Paulo: Editora Vida, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. *Juízes: graça e pecado*. 1º ed. São Paulo: Hagnos, 2024.

MOTTA, Luciano. *A igreja remanescente: de volta à essência de ser igreja*. 1 ed. Rio de Janeiro: Themelios, 2023.

PIPER, John. *Coronavírus e Cristo*. 1 ed. São Paulo: Fiel, 2020

PIPER, John; TAYLOR, Justin. *Sofrimento e a Soberania de Deus*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

RINDALL, R. Clyde *et al.* *Comentário bíblico Beacon: vol. 2*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

STOTT, John. *O cristão em uma sociedade não cristã: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

VANGEMEREN, Willem A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese: vol. 2.1* Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VANHOOZER, Kevin J. *Theological Interpretation of the Old Testament*. 1º edition. EUA: Baker Academic, 2008.

WALTON, H. John; MATTHEWS H. Victor, CHAVALAS W. Mark. *Comentário histórico-cultural da bíblia: Antigo Testamento*. 1º ed. São Paulo: Vida nova, 2018.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento Volume II — Histórico*. 1º edição. São Paulo: Geográfica, 2006.